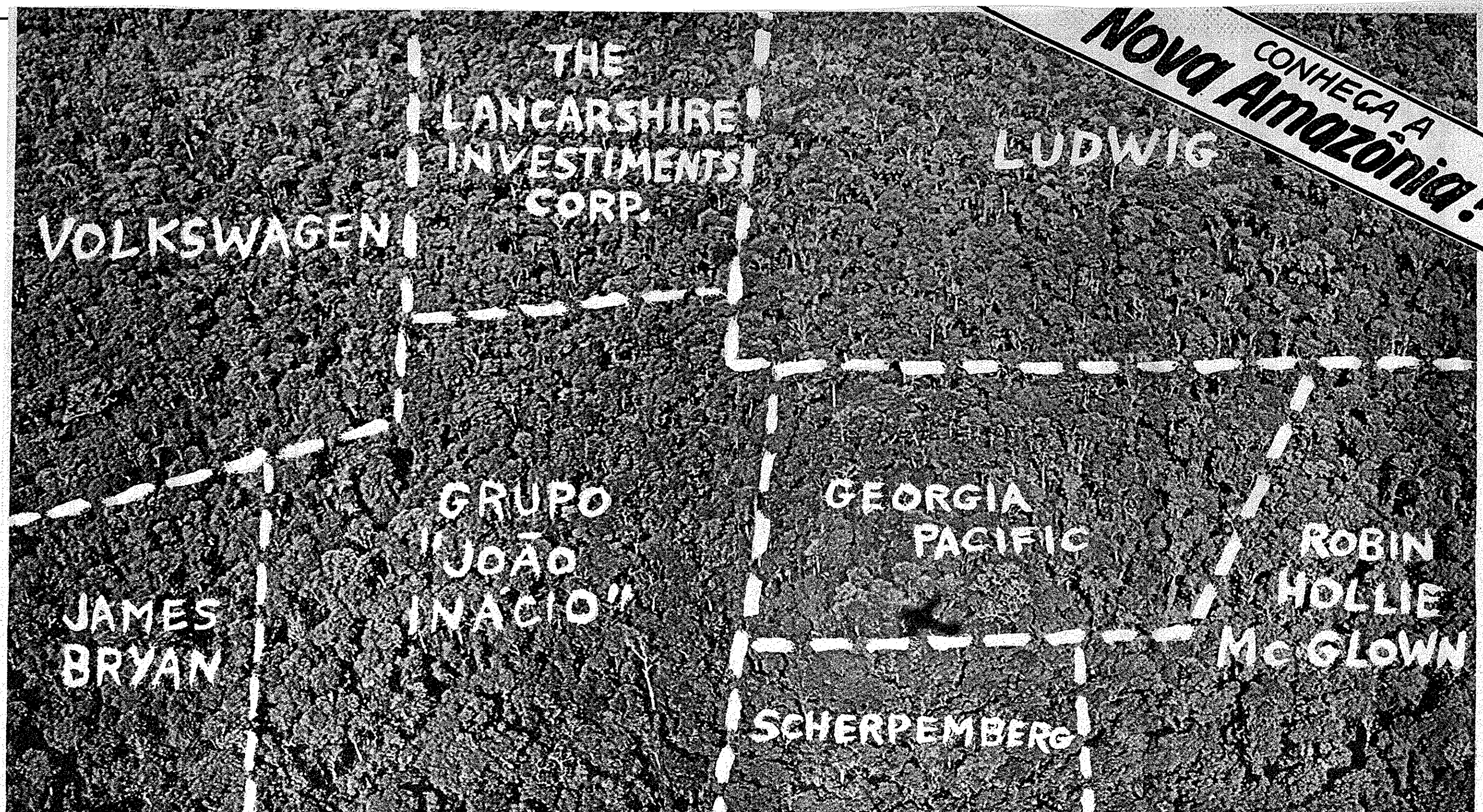


Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Parquim* Class.: *AM- Multinacionais*
Data: *08.14.09.78* Pg.: *16.17 02*



O MAIOR LOTEAMENTO DO MUNDO

Ninguém mais acalenta a ilusão de que o progresso chegou à Amazônia para o nosso benefício. Em todas as camadas sociais, para os que vivem e trabalham na Amazônia, para os não arrivistas e que não se deixaram cooptar pela política integracionista, estes últimos 14 anos se apresentam hoje como tempos de pesadelo. Nunca estivemos tão ameaçados, nunca a região esteve tanto a mercê da vontade de meia dúzia de tecnocratas convintes com os mais sombrios interesses do grande capital financeiro internacional. E como a Amazônia sempre foi uma coisa distante, este aparente isolamento parece que tem servido para encobrir toda a sorte de sandices lucrativas e negociatas só comparáveis na

história da espoliação colonial do continente africano. E a Amazônia tem sido a África do Brasil, o território do safari imperialista deste final de século, onde manipulam-se territórios gigantescos, todo o aparato do Estado, movimentam-se verbas vultosas e empréstimos internacionais portentosos, ao mesmo tempo que uma população inteira marginalizada é manobrada como mão-de-obra barata ou votada ao extermínio. Sim, porque na Amazônia não são apenas os índios os que estão em rápida decadência e extinção, a população de caboclos até então atada ao sistema extrativista em frangalhos se vê obrigada ao nomadismo forçado e a sonhar com a proletarianização como forma de subir na escala social.

Tem se falado muito ultimamente do problema da terra na região amazônica, açambarcada por grandes grupos internacionais. As revistas não se fariam de apresentar reportagens coloridas sobre o assunto, como a recente cobertura da chegada no território do Amapá de uma fábrica flutuante de celulose, pertencente ao Projeto Jari, da National Bulk Carriers, propriedade do criminoso internacional Daniel Keith Ludwig. Para a nossa infelicidade, Keith Ludwig é uma gota d'água no oceano da espoliação regional. Se em nome de uma curiosa Lei de Segurança Nacional o povo não pode escolher livremente seus prefeitos em muitos dos municípios brasileiros, por se localizarem em área de fronteira, estas mesmas áreas já não pertencem ao povo brasileiro e foram alienadas a grupos das mais diversas procedências. O território de Rondônia hoje é praticamente um feudo do grupo BRASCAN, de origem canadense. A área compreendida entre o sul do Pará e Amazonas com o norte de Goiás e Mato Grosso encontra-se inteiramente partilhada entre grupos internacionais poderosos. O Estado do Acre foi pulverizado por pequenos e médios grupos agro-pecuários europeus e brasileiros (paulistas e paranaenses), a situação da terra escapou do controle do próprio Governo acreano e o aeroporto de Rio Branco transformou-se numa espécie de Bolsa de Valores de títulos de terra, onde os posseiros e proprietários chegam com seus pequenos aviões, reúnem-se no restaurante,

trocam, revendem, sentem a cotação, adquirem mais terra e retomam para as suas aeronaves sem ao menos tomar contato com os acreanos. Digo que são pequenos e médios proprietários no caso do Acre, por que na Amazônia dez mil, quinze mil hectares são proporções de horta. A situação do Acre é tão terrível que muitas povoações, sem trabalho fixo no extrativismo, tornaram-se nômades e vagueiam pelo interior, exigindo do governo estadual os mesmos serviços públicos a que tinham direito quando permaneciam num só lugar. A capital, Rio Branco, está repleta de novos "bairros", guetos e favelas onde os trabalhadores do extrativismo chegam para morrer de inanição. Eu mesmo presenciei este quadro de pessoas morrendo de fome, sem trabalho, sem perspectiva, atendidos apenas pelo trabalho de Dom Moacir Grechi, Bispo do Acre, e de seu pessoal ligado à pastoral.

REPARTINDO A PILHAGEM

Para que o leitor tenha uma ligeira idéia da extensão do problema, eis o que significa na Amazônia a chamada integração nacional: em pouco mais de 10 anos, segundo dados oficiais do IBDF, já foram desmatados cerca de 11.469.751 hectares para projetos de criação de gado, colonização, abertura de estradas, mineração e outras formas de exploração. Somente nos municípios de Barra do Garças e Luciara, em Mato Grosso, segundo levantamento feito por Dom Pedro

Casaldáliga, a Sudam aprovou 66 projetos de pecuária abrangendo cerca de 2.130.887 hectares, num investimento aproximado em incentivos fiscais, isto é, com o dinheiro do povo brasileiro, de Cr\$ 500 bilhões de cruzeiros. E é bom lembrar que os maiores proprietários de terras na região são estrangeiros, sobretudo norte-americanos, como o que atende pelo prosaico nome de Grupo João Inácio, com 1.739.000 hectares, ou o famoso Keith Ludwig que clama por 2.000.000 de hectares, a Volkswagen com 1.000.000 de hectares, a Georgia Pacific com 400.000, a Robin Hollie Mc Glown, com 300.000, a The Lancarshire Investments Corporation, com 396.576, a Peter Cornelius Van Scherpemberg, com 205.938, a James Bryan com 232.915, a Laurens Jacob com 200.000, a Kunihiro Miyamoto com 186.420 e mais modestamente, John A. Davies, com apenas 52.272 hectares. O uso de desfolhante químico é generalizado, a Volkswagen provocou um incêndio de 500.000 hectares que foi detetado por satélites artificiais e confundido com um furacão pelos técnicos da NASA. As populações da área são evacuadas, os índios são exterminados e os caboclos impedidos de trabalhar na selva e vender o produto conquistado arduamente. E não vamos esquecer que, para não escapar da regra, os projetos de mineração estão em mãos acima de qualquer suspeita, como a Bethlehem Steel Corporation, a U.S. Steel, a Aluminium Company of Canada, a Kaiser Aluminium

Company, a Reynolds Metals, a Rio Tinto Zinc, a Union Carbide Corporation, a International Nickel Company.

MAIS DO QUE UM NEGÓCIO DA CHINA

Roberto Campos ao justificar o convite feito a Keith Ludwig, disse que só um maluco investiria na Amazônia. O que estamos vendo, em termos de negócio, não é tanta maluquice assim. Por exemplo, em 1969, quando a Swift-Armour Company of Brazil estava se associando com a King Ranch of Texas para estabelecer 176.000 acres de fazendas para criação de gado na Amazônia, com os incentivos da Sudam, a Deltec Internacional, um dos maiores bancos privados de investimentos do mundo, comprou através de sua subsidiária latino-americana, a Deltec Panamericana, o controle da International Pac-Kers Ltda, uma das maiores indústrias de carne do mundo. Com isto, ganhou o controle do "holding" na Swift-Armour Company of Brazil e voltou os seus interesses para a Ilha do Marajó, no Pará. Os negócios cresceram em ritmo tão lunático que em 1972 a Deltec Panamericana já estava controlando 30% da exportação de carne brasileira. No ano seguinte, para melhor se especializar, vendeu seus interesses para a Brascan e a Caeme mas permaneceu no rendoso negócio da exportação da carne. Em matéria de doidices capitalistas nós ainda temos muito o que aprender.

UMA LOCUPLTAÇÃO EM ESCALA AMAZÔNICA RELATADA PELO AUTOR DE "GALVEZ, O IMPERADOR DO ACRE"



MÁRCIO SOUZA